

“14 novos empreendimentos turísticos na Ribeira Grande não serão demasiados?”

“Muitos dos investidores já perceberam que a essência dos Açores é a própria natureza, investindo em consonância com ela. Mas quando começamos a fazer contas, existe um benefício enorme para o investidor em investir em dimensões elevadas, que podem levar ao turismo de massa. Na Ribeira Grande estão previstos 14 empreendimentos turísticos novos, não serão demasiados? Será mesmo preciso isto na Ribeira Grande? É isso que procura quem nos visita?”



“A essência dos Açores é a própria natureza...”

facilitismos pois, com a globalização de hoje, basta um pequeno desliz para manchar um destino.

É gestor de As Casas da Ribeira Grande. Fale-nos deste projecto.

As Casas da Ribeira Grande é uma rede de Alojamento Local que se iniciou em 2014, com a moradia A Casa do Chafariz. Foi uma ideia que surgiu em família e que fez de um fim de contrato de arrendamento uma oportunidade de experimentar o arrendamento de curta duração. Na altura, não havia praticamente alojamento na Ribeira Grande, nem a liberalização do espaço aéreo. Era mesmo um teste numa área que não dominávamos. O sucesso foi imediato, ao qual juntando a oportunidade de aquisição, em 2015, de uma moradia de maior dimensão e de traça micalense, avançamos com mais certeza na área. Fizemos a sua recuperação, mantendo as principais características que a definiam, pois é uma casa de início de século, e transformamos numa guesthouse com 5 quartos (A Casa da Cascata). Já com a liberalização do espaço aéreo e com os imensos pedidos de alojamento, continuamos com a recuperação de património familiar, transformando em mais alojamento. Em 2019 demos um importante salto abrindo a Volcanic Charming House, um espaço com 8 Suites e um T2 privado. É um espaço versátil com piscina, zona de eventos, que pretende não só apostar no alojamento, mas também na dinamização através de eventos. Todos os investimentos realizados foram feitos com capitais próprios e apoio da banca, e projectados e decorados pela minha esposa Vanessa. Todo este projecto tem um apoio enorme dos meus pais Manuel e Conceição, não só como sócios, mas também como activos em todos os processos. Para além da família, neste momento, já empregamos cerca de 5 colaboradores e nas épocas de altas temos um reforço de mais 3.

Temos perspectivas de crescer e temos já vários projectos a decorrer.

Em seu entender, os projectos de Alojamento Local deviam ser apoiados por fundos regionais e comunitários? Porquê?

Os Alojamentos Locais têm uma importância enorme na nossa Região. Quem nos visita vem pela natureza, desde as paisagens, passando pelo mar e a gastronomia. Nada melhor que visitar e ter uma vivência aproximada de quem habita nela.

Contribui de forma directa, por renovar e recupe-

rar o património imóvel e urbano, por dar emprego e autoemprego. De forma indirecta contribui também pela sua envolvimento, criando dinâmismos, incentivando o comércio local e dando a conhecer novas falhas de mercado.

A característica fundamental do Alojamento Local é a do espaço. É possível criar uma unidade de alojamento em regiões onde era impensável e neste sítio criar toda uma envolvente de criação de riqueza. Uma das razões de existirem fundos de apoio regionais ou comunitários é este mesmo, o de criar zonas de negócio e sustentabilidade onde jamais era possível com fundos próprios. Então, possuí todas as razões para que seja apoiado.

Devíamos olhar com mais importância para estes inúmeros investimentos que os privados têm feito pelos Açores fora, apoiando-os e deixar de pensar que projetos megalómanos é que são os necessários à região e os que são apoiados. Também deve-se deixar de pensar que o investimento estrangeiro é melhor e mais importante que o local. É injeção de capital nos Açores, mas sem os locais, onde estaria a Região?

Qual a perspectiva que tem do desenvolvimento turístico nos Açores?

Estamos no início deste desenvolvimento. Temos todas as condições para que este início arranque da melhor forma e que seja próspero. Temos vários exemplos no mundo de como não queremos ser e de como o queremos ser. Só seremos um destino único se aprendermos com os erros dos outros, e temos esta oportunidade nas mãos.

Para a nossa empresa 2019 foi o melhor ano deste então, e a perspectiva é que 2020 seja ainda melhor. Aproveitamos as épocas baixas para definir objetivos e trabalhar nas casas em termos de manutenções e melhoramentos. Queremos ter sempre crescimento a nível estatístico e para que isso seja realidade adaptamo-nos e pomos planos em moção.

Ninguém quer um turismo de massas nos Açores. A questão que se coloca é se já não estaremos a caminhar para esta dimensão turística em São Miguel?

Isso é unânime: ninguém quer ver os Açores como destino de massas, nem os residentes, nem quem nos visita. Estamos a implementar uma política que salvegarde esta questão? Não!

Muitos dos investidores já perceberam que a essência dos Açores é a própria natureza, investindo

em consonância com ela. Mas quando começamos a fazer contas, existe um benefício enorme para o investidor em investir em dimensões elevadas, que podem levar ao turismo de massa. Na Ribeira Grande estão previstos 14 empreendimentos turísticos novos, não serão demasiados? Será mesmo preciso isto na Ribeira Grande? É isso que procura quem nos visita? Ou procuram a dimensão local e aproximada aos habitantes e à natureza que os rodeia?

Os movimentos ecologistas têm-se manifestado contra a concentração de turistas em algumas zonas de São Miguel como a Lagoa do Fogo, a Vista do Rei, a Ferraria (...). Mas, depois, quando o governo apresenta soluções, são estes mesmos movimentos ecologistas que as põem em causa. Como se pode preservar estas zonas sem que haja uma colisão entre turismo e ambiente?

Nunca existirá concordância total numa alteração de uma coisa existente. Em geral isso verifica-se.

Existem sempre perspectivas diferentes, o que é bom! Faz-nos debater, aprender e crescer. Devemos todos fazer um esforço em fazer isso de forma a que não hajam impasses e demoras na resolução das soluções, trabalhando em equipa, baixando as guardas e trabalhando para um objetivo comum que é a preservação da nossa “Casa”. De certeza que a ideia nunca será unânime, mas muitas vezes melhor que uma ou outra, vindas de lados diferentes. Fazer nada também não deverá ser a solução, por isso há que comprometer-nos, ouvir e dar as mãos.

Podemos, por exemplo, fazer uma solução faseada a ver se funciona. Já se fizeram estacionamento, mas não resolvem todos os problemas, só o de estacionamento. Agora, o de gestão da permanência e de acesso, então poder-se-ia, em época alta, estacionar o carro na base da montanha e apanhar um transporte até ao cume acompanhado por alguém que gira os acessos ao topo e à Lagoa (estes devidamente acompanhados). Em época baixa, poder-se-ia então abrir portas e aceder-se ao topo de carro, permitindo o acesso aos locais. Mas mantendo à mesma a ideia de gestão de acessos à Lagoa, de forma a evitar trilhos secundários, destruição e poluição. Já sabemos que a evolução, com o tempo, não só o turismo, traz a mudança das coisas, e há que estar bem com isso.

A seu tempo podemos ver se é necessário ponderar melhor a instalação de um centro interpretativo no topo da Barrosa, à semelhança da Casa da Montanha na Ilha do Pico, ou do Centro de Visitantes da Gruta das Torres também no Pico, ou mesmo do Parque Arqueológico em Vila Nova de Foz Côa, completamente integrado na Natureza. Tantos outros exemplos podiam ser aqui inúmeros para dar a entender que, por vezes, há mesmo que intervir para preservar, se assim for necessário.

Há que promover o equilíbrio entre a natureza, a sociedade e quem nos visita. A Sustentabilidade do destino.

Quer acrescentar algo mais que considere interessante e/ou importante?

O (des)emprego qualificado. Se até há pouco tempo o flagelo do país era o desemprego, e que os inúmeros estudantes saíam das universidades sem quaisquer perspectivas de se empregarem, hoje começa-se a verificar o contrário. Esta é e era uma questão previsível. Não foram feitos muitos esforços no sentido de manter esta força habitada no país, e até surgiram convites a sair. Hoje, com a economia a melhorar, estamos agora perante uma crise diferente, a de termos cargos e de não termos nem empregados qualificados, e muitas vezes sem mesmo vestígios de empregados, em termos gerais. Isso está a tornar-se já uma barreira ao crescimento contínuo e ao investimento.

João Paz

O que pensa da política e dos políticos?

Os políticos não têm uma tarefa fácil. Há inúmeras questões que precisariam de uma revisão grave por parte de uma entidade. Mas, depois, também há inúmeras perspectivas e opiniões sobre estas. É muito difícil contentar toda a gente e muito difícil chegar a todos os pontos que precisam de atenção.

A degradação da política vê-se é quando se demitem da sua função e se ocupam a discutir, a guerrear e a perder tempo em coisas que só trarão notícias para os média e que, na realidade, não resolvem os problemas de ninguém.

Qualquer gestor, administrador ou presidente deveria ter como objetivo o cumprimento da sua missão, agarrá-la e desempenhá-la da melhor forma. A política cai no descrédito quando esta missão é abandonada.

Isso não é um recado para ninguém, apenas um ponto de vista. Precisamos de líderes e de alguém que nos represente e defenda, a nós e aos nossos interesses.

Se desempenhasse um cargo governativo nos Açores descreva medidas que tomaria?

Embora o turismo esteja em franca evolução, é importante consolidar o nosso destino. Medidas como o reforço nas áreas de segurança e dos transportes são fundamentais e imprescindíveis. Às vezes, as “marés boas” fazem-nos relaxar demais, mas basta um pequeno desliz nestas áreas e todo o trabalho desenvolvido até então, como todo o investimento privado também, pode ficar em causa. Ao nível da segurança, são exemplos bem presentes o Coronavírus na Ásia que contaminou o turismo e o investimento global; o terrorismo na Tunísia que levou a um abandono do turismo no Norte de África; o problema da toxicodpendência que leva ao comprometimento da segurança geral da população. Ao nível dos transportes, a saída da Easyjet e da Delta Airlines do mercado regional que nos leva novamente a considerar a hipótese de recada e volta à estaca zero, de abandono da liberalização do espaço aéreo. A taxa turística pode comprometer, neste momento, o nosso destino e pode levar ao abandono de investidores por terem de juntar mais investimento à burocracia existente. Há outras soluções para protecção do que é nosso.

Há que ter uma política forte e concisa, sem